

Universidade do Estado de São Paulo
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Filosofia
Projeto de pós-doutorado

Gaspar Leal Paz

Interpretações de linguagens artísticas em Gerd Bornheim

Supervisora: Professora Dra. Olgária Chain Feres Matos

Rio de Janeiro
2010

Este projeto propõe uma leitura histórico-cultural acerca de alguns aspectos da obra de Gerd Bornheim (1929-2002). Suas interpretações sobre as linguagens artísticas e as colocações a respeito de inflexões estéticas, éticas e políticas trazem, particularmente, o nó de confluência das problematizações. Neste ponto, as reflexões sobre o teatro e a música apresentam uma visão privilegiada das relações entre as expressões culturais e a filosofia, desde já inscritas em temáticas contemporâneas. O teatro lhe oferece ainda uma posição especial ao permitir que Bornheim aceda a outras atividades artísticas (poesia, música, artes plásticas, cinema etc.) de forma livre e aberta. Daí o jogo entre filosofia e teatro constituir uma das dimensões mais singulares de suas interpretações. A linguagem musical, em consonância com a teatral, corrobora a pesquisa de Bornheim na condução dessa convergência entre as linguagens artísticas mediante a observância de temas referentes à linguagem e comunicação, à afluência da crítica artística, ao processo criativo, aos problemas da normatividade ética e estética, à presença do cientificismo, à crise do fundamento e às transformações do cenário artístico e de seus pressupostos estéticos. Sob essas perspectivas, aparecem os importantes títulos de seus trabalhos nos quais a linguagem assume um signo vivo, transitável e flexível.

Gerd Bornheim destaca-se assim como um dos expoentes das problematizações culturais no Brasil, principalmente a partir de uma visão crítica da estética e filosofia da arte. Ele inicia sua formação filosófica no Rio Grande do Sul (Brasil) e prosseguiu depois na França, Alemanha e Inglaterra. No Brasil, nosso autor se insere num viés que vem moldando o diálogo com variadas manifestações culturais e artísticas. É nessa direção que ele ressaltou a força da criatividade da escultura de Vasco Prado; do cinema de Júlio Bressane; além de todo um panorama que englobou Carlos Drummond, Machado de Assis, Iberê Camargo, Guimarães Rosa, Clarice Lispector, Haroldo de Campos e, principalmente, artistas envolvidos com o teatro contemporâneo. Nessa perspectiva, entendemos que muito ainda deve ser desvendado em suas interpretações.

Na França, momento especial desse percurso de Bornheim, sobretudo pela perspectiva de abertura à filosofia contemporânea, ele acompanhou cursos de Merleau-Ponty, Gaston Bachelard, Jean Hyppolite, Jean Wahl, Martial Guérout, Jean Piaget, Lacan, Vladimir Jankélévitch, Étienne Souriau, Daniel Lagache, Ferdinand Alquié, Georges Gurvitch e foi também interlocutor, entre outros, do filósofo e dramaturgo Gabriel Marcel e do engenheiro e compositor Pierre Schaeffer. O estímulo dessa atmosfera, marcada pelo diálogo entre filosofia, ciências sociais, psicologia,

psicanálise, história, antropologia, linguística, comunicação, teatro e música, foi decisivo para Bornheim¹. Entre tais autores sublinhamos as leituras de Bornheim das obras de Merleau-Ponty e especialmente as de Sartre, cuja análise ele dedicou dois livros², artigos, conferências, entrevistas, destacando-se com estudos pioneiros sobre o autor da *Crítica da razão dialética*.

Assim, Bornheim construiu paulatinamente seus referenciais que contribuíram para a formação de novos olhares sobre as esferas estéticas e culturais. É valorizando essas coordenadas que procuraremos ressaltar suas abordagens sobre a linguagem, tangenciadas pela atmosfera que envolve os autores supracitados. Para tanto, delineamos nosso estudo a partir dos seguintes objetivos:

1. Extensão de temáticas desenvolvidas em tese de doutorado sobre linguagens artísticas e expressões culturais (ênfase em teatro e música), articulando tais perspectivas na interseção entre estética e ética;
2. Congregar essas atividades com a manutenção, digitalização e pesquisa no acervo pessoal de Gerd Bornheim, objetivando a viabilização de publicações e disponibilização pública de tais documentos.

Esses pontos podem nos auxiliar na apreensão do tema da linguagem, orientando-o pela confluência entre filosofia e expressões artísticas. E a linguagem não aparece aqui reservada a um uso instrumental e restrito a um meio de comunicação. Bornheim constata, por exemplo, que a comunicação não é um critério definitivo para a apreciação da obra de arte e procura avaliar o aspecto inóspito que passa a revestir nossa relação com a arte, pensada sobre o jugo da comunicação. Dessa forma, entra em jogo o complexo das relações entre artista-obra, artista e público, obra e público não mais num contexto linear de comunicação. Quer dizer que Bornheim ressalta outro olhar sobre a linguagem a partir do caráter histórico da condição humana, mas percebe as limitações de apreensão dessa historicidade num processo de totalização. Para expressar a ambiguidade de tal condição, investe em

¹ Em pesquisa recente de Estágio doutoral no exterior, procuramos visualizar as afinidades de autores contemporâneos, no campo das artes e filosofia, com as interpretações de Gerd Bornheim. Para esse percurso, realizamos uma pesquisa na França, visto que, em boa medida, essas afinidades se dão com pensadores franceses. O estágio doutoral foi conduzido na *Université Paris 1 – Panthéon-Sorbonne (École doctorale Arts plastiques, esthétique et sciences de l'art)* em 2009, em atividades no grupo de pesquisa em estética coordenado pelo professor Dominique Chateau (colaborador como co-orientador), e em outros cursos e seminários com Renaud Barbaras, Alain Badiou, Georges Didi-Huberman, Nicolas Prevot, Jerome Cler, Alfredo Bosi, entre outros.

² *O idiota e o espírito objetivo*. Rio de Janeiro: UAPÊ, 1998 e *Sartre: metafísica e existencialismo*. 3 edição (1 edição, 1984). São Paulo: Perspectiva, 2000a.

posicionamentos que têm como pano de fundo a crise da metafísica e os novos parâmetros para pensar a dialética, a teoria e a prática. Para evidenciar tal diagnóstico de crise e busca de novos sentidos, nos apoiaremos em comentários esclarecedores de Jean Hyppolite, Derrida, Foucault, Alain Badiou, Frédéric Worms, Benedito Nunes, Bento Prado Jr., entre outros.

Sublinha-se a partir daí que o diagnóstico da crise metafísica prolonga-se também como “crise de orientação estética”. A busca de novos rumos coincide, então, com o advento e coloração do tema da linguagem. Para Bornheim, a ambiência e emergência do tema se manifestam através da influência de Hegel e as inquietações enfrentadas pelos autores contemporâneos com relação às mudanças operadas na esfera filosófica, tanto no que concerne aos “processos de totalização” como em seus “pressupostos estéticos”. A tentativa de transcender radicalmente a herança metafísica será observada por Bornheim sobretudo em autores como Heidegger, Derrida e Foucault. Em linhas gerais, o que Bornheim almeja é a passagem da totalidade hegeliana à “diferença” e à “alteridade” abordada pelos filósofos contemporâneos.

Os vestígios de tal crise já acentuam a intolerância a todo tipo de lógica de subordinação e a linguagem aparece como portadora do poder de driblar o controle. Percebe-se, portanto, como Bornheim sorveu a influência desses contextos. Ele observou atentamente o desenrolar da filosofia contemporânea e assumiu uma postura crítica ao “logocentrismo ocidental” e suas características “ontoteológicas”. O realce efetivo é para com a “alteridade”, a aceitação do outro como diferente.

Nesse viés, há ao menos duas perspectivas que se permeiam em seu tratamento da linguagem. Uma delas é a da linguagem e o problema da comunicação. A questão foi desenvolvida em *Sartre* (Bornheim, 2000a), no capítulo em que Bornheim analisa a concepção de linguagem desse autor. Bornheim aborda a “intersubjetividade” sartriana, desde a “linguagem articulada” à polêmica discussão sobre a poesia e a prosa. Nessa mesma via, ele observa a linguagem como fenômeno de expressão numa visão da filosofia de Sartre em contraste com a filosofia de Merleau-Ponty, que critica o *cogito* cartesiano em defesa da “intencionalidade” das expressões artísticas. Nessa crise dos contrastes e reavaliação do subjetivismo filosófico, Bornheim aponta o nascimento da crítica de arte e o fim das estéticas normativas, vias que remetem também à relação entre artes e ciências. A segunda perspectiva, que nos interessa particularmente, aparece em *Metafísica e Finitude* (Bornheim, 2001a) e *O sentido e a máscara* (Bornheim, 1992a), onde vislumbramos outra forma de abordagem, que insurge da linguagem teatral e musical. A partir desses referenciais as percepções de linguagens mostram intenso vigor no

diversificado panorama das artes contemporâneas³ no qual Gerd Bornheim vai despontar e produzir seus trabalhos. O passo importante, segundo Bornheim no caminho das linguagens artísticas, é pensar a problemática em novas bases. Trata-se de aceitar o risco e caminhar com a própria linguagem. São outras possibilidades e encaminhamentos para a pesquisa filosófica, que buscam um patamar comum de interações possíveis. Essa perspectiva torna-se mais clara na medida em que observamos a forma como Bornheim vê a aproximação entre a crítica e as expressões artísticas.

Com isso, pretende-se refletir nesta pesquisa, sobre tais expressões e suas dimensões políticas, a fim de reconsiderar o papel de uma práxis expressiva, ou seja, de compreender as expressões artísticas dentro de uma natureza diretamente ligada aos acontecimentos ou fatos culturais. Tais atividades são sublinhadas enquanto críticas a uma normatividade de tradição pseudo-universalizante e excessivamente racionalista. Nesse sentido, a articulação das implicações recíprocas entre, por exemplo, o sonoro, o mundano e o político revelam a densidade das inquietações presentes nesse estudo.

É assim que as diferenças sociais e culturais, que perpassam as relações humanas, encontram na linguagem – entendida como extensão multifacetada em sonoridades, gestos e grafias – o campo de expressão por excelência de conflitos e mediações entre interesses nem sempre conciliáveis. Em outras palavras, como terreno de ação política, seja em sentido de controle do estado ou das micro-políticas do cotidiano de grupos e indivíduos. Reconhecer como tal tanto a música e o teatro quanto outras formas sonoras e artísticas que exigem conceituação mais ampla⁴, impulsiona esta pesquisa à reflexão sobre o papel das interpretações bornheimianas diante dessas circunstâncias.

A linguagem, de certa forma sempre tematizada na história da filosofia, adquire nos anos 1950 e 1960 – no cenário europeu do pós-guerra – fortes reverberações, chegando mesmo a ser o centro das atenções, a ponto de incorporar as principais discussões filosóficas desse período e empreender uma revisão de suas bases, que se estendem até nossos dias. Passou-se a enfatizar, por exemplo, as dimensões ontológicas da linguagem, que requeriam a reflexão sobre as tensões entre o

³ O tema é explorado pelo autor em “As dimensões da crítica” (*Rumos da crítica*. Org. Maria Helena Martins. São Paulo: SENAC e Itaú Cultural, 2000b) e ainda em “Gênese e metamorfose da crítica” e “Da crítica” (*Páginas de filosofia da arte*. Rio de Janeiro: UAPÊ, 1998a).

⁴ Desde pelo menos a década de 1960, são levantadas impropriedades das concepções eurocêntricas de “música” e “arte”, que mesmo submetidas a campo semântico generosamente elástico, não abarcam sentidos operantes em culturas onde esses termos, apesar de utilizados e naturalizados, foram impostos por relações de hegemonia.

pensamento e o ser, por que via se expressam e como ocorre a comunicação⁵. A influência da linguística de Saussure é decisiva para o afloramento de tais discussões. Começa-se a inventariar as significações do que nos permite falar, escrever, pensar e nos relacionar socialmente. Entre os linguistas essas significações passam a ser entendidas como sistema de signos linguísticos gerais. É esse tipo de abordagem que vai influenciar a psicanálise lacaniana e o estruturalismo lévi-straussiano. Para ambas as correntes, haveria na linguagem um mecanismo inconsciente que explicaria o desenrolar de nossa realidade. O desafio era entender essa estrutura que sustenta as variações da linguagem e de nossas ações diante da realidade. O passo a seguir, e que parece ser corroborado, sobretudo, pelas instâncias expressivas das linguagens artísticas, é que há um movimento expressivo que se desenrola no seio da linguagem e percebe-se que a expressão não é um fenômeno subordinado ao pensamento. Com isso, os ânimos se voltam para um deslocamento do privilégio dado ao pensamento, à racionalidade e a consciência.

Não somos então simplesmente manipuladores da linguagem, e sim nos desenvolvemos entendendo seus dispositivos de ação. Evidentemente, se a linguagem faz parte de nossa relação com o mundo, tudo que aguçar sua problematização pode colaborar para sua compreensão extensiva às linguagens artísticas. Tais expressões abarcam dimensões histórico-culturais, políticas, econômicas e sociais, na medida em que procuram uma renovação constante de todos os elementos que compõem sua trama. E é por isso que o tema da linguagem não pode ser reduzido aos seus aspectos formais.

Dessa forma, as questões motrizes a se destacar são: (a) a linguagem enquanto fenômeno de expressão e (b) a crítica à normatividade estética e ética. Por conseguinte, essas duas diretivas serão estimuladas em novas nuances pela consulta frequente ao acervo documental de Gerd Bornheim.

(a) Linguagem enquanto fenômeno de expressão

A ideia da linguagem enquanto fenômeno de expressão nasce da reconquista do sensível em face da excessiva valorização do inteligível. E, para Bornheim, que

⁵ Sobre esse assunto ver os vídeos HYPOLITE, Jean. *La philosophie et son histoire*. Entretien entre Jean Hyppolite et Alain Badiou, Jean Fléchet (video 29 min arquivo BNF - Biblioteca Nacional da França) Paris: Nathan, 1993; *Prologue aux émissions sur le langage*. Dina Dreyfus, Alain Badiou, Jean Hyppolite (video 26min 26s). Paris: Centre National de documentation pédagogique (France), 1966 e HYPOLITE, Jean; BOURDIEU, Pierre; LAPLANCHE, Jean; MOUNIER, Georges. *Le Langage 1, 2, 3, 4*. Organisation Dina Dreyfus. Paris: Centre National de documentations pédagogique (France), 1966.

neste sentido segue a mesma vertente de Merleau-Ponty, tal valorização impõe o desafio da re-significação do corpo, o qual traria o substrato da percepção e sua apreensão do mundo. Entendemos que a evolução contextual desse modo de perceber encontra seu ápice nas interpretações artísticas. Para o filósofo francês, elas são motivadoras do que ele chamou de “intencionalidade corporal” ou “instância poética originária”, quando coloca em cena a partir da investigação do gesto linguístico, o sentido poético e expressivo da linguagem. É nessa encarnação da linguagem que ele busca a gênese da significação. A percepção como se vê, é um dos motores de tal processo.

Ao optar pela investigação da linguagem, Merleau-Ponty se aproxima dos temas do sentido e da criatividade. Com isso, abre as veias para outra circulação na arte, conectando-a com a percepção do mundo e do corpo. Trata-se de investir num novo direcionamento, que deve brotar da percepção das expressões culturais. A linguagem se põe como um “aparecer” no mundo. Nele o artista não representa um trabalho acabado, mas um processo de construção. A obra é entendida como uma “operação de expressão”, uma abertura ao mundo percebido, destacando toda a imprevisibilidade que possa advir daí. O que se manifesta é o saborear da invenção artística. Uma interrogação permanente habita o artista, e é aí que ganha impulso o movimento do fazer-se, próprio da linguagem.

Um passo importante nessa leitura foi o método fenomenológico. Para Merleau-Ponty, a fenomenologia toma a alteridade e a linguagem de forma positiva. É pela fenomenologia que ele começa expor a recusa da causalidade.

O tema da linguagem é importante porque permite, como diz uma citação feita, “ultrapassar definitivamente a dicotomia clássica do sujeito e do objeto”. E Merleau-Ponty pretende consegui-lo através da compreensão da palavra como gesto sensível. Mas o grande empecilho para que se vença realmente aquela dicotomia está no apanágio metafísico que se empresta ao *cogito*. Entende-se, por isso, que Merleau-Ponty procure submeter o *cogito* a uma crítica radical – e é nessa crítica que se evidencia toda a densidade das relações entre fenomenologia e causalidade (Bornheim, 2001, p. 112).

Pelo *cogito* a relação entre sujeito e objeto é usualmente explorada por meio do pensamento, e Merleau-Ponty critica este privilégio. Resta “uma co-naturalidade que permita compreender o quanto o mundo nos é constitutivo” (Bornheim, 2001, p. 121), dessa maneira os fenômenos expressivos atuam de forma contundente. Nem é preciso ressaltar que a música e o teatro atravessam histórias semelhantes no que concerne à revalorização da sensibilidade. Espraia-se uma crítica que não se dirige

apenas à matematização cartesiana diante dos elementos musicais ou estéticos, mas sobretudo recusa o uso irrestrito e normativo de tal intelectualismo⁶.

Com isso, o corpo volta a ser um elemento importante para instaurar, segundo Bornheim, tal condução entre as linguagens artísticas e a percepção, “se o homem percebe sons, é porque de alguma forma seu corpo é sonoridade” (*idem*, p. 141). Para Bornheim, há na música uma natureza corpórea muito importante. É por isso que ele aproxima, por exemplo, tal percepção à linguagem teatral, precisamente naquele gesto (social) do ator que se liga à linguagem musical.

Trata-se, para o filósofo, de buscar a “abertura” perceptiva e expressiva na linguagem. Assim, para insistirmos no exemplo da música que é co-extensivo ao teatro “vale dizer que a música não constitui apenas um problema de música, como se fora questão à parte. Como em tudo, quando se pensa a música, pensa-se o próprio destino humano e sua condição mundana, e uma condição mundana que já não pode ignorar sua dimensão histórica” (Bornheim, 2001, p. 139).

Segundo Bornheim, o dualismo entre sensível e inteligível tenta anular o papel de diversas expressões artísticas. Com efeito, tais expressões exibem uma flexibilidade, e é a partir daí que se percebe seu diálogo intercorrente. Dessa forma, as articulações artísticas podem ser pensadas como produção, como uma experiência com a linguagem. É nesse sentido de relação que Bornheim busca uma forma ampla de abordar a linguagem, atento a sua materialidade, contexto e sentido. A intenção é uma disponibilidade e flexibilidade perceptiva que se reveste das situações artísticas que desvelam os cenários culturais contemporâneos.

(b) Crítica à normatividade estética e ética

Segundo Gerd Bornheim, há certa concomitância entre o advento do crítico e a falência das estéticas normativas. Justamente, porque a crítica amplia suas dimensões ao se imiscuir no fazer expressivo. O que implica uma interessante transformação que para Bornheim seria “a necessidade de transferir os processos criativos também para o trabalho da crítica, como se ela devesse desenvolver um estatuto específico, enquanto obra de arte”, para ele “tratar-se-ia de um caminhar junto à obra de arte comentada” (Bornheim, 1998, p. 130). É claro que essas considerações são permeadas de toda uma ambiência sociocultural e política que irá reverberar principalmente na argumentação de Bornheim, que enfatiza a deterioração das

⁶ Ver DESCARTES, R. *Compendio de música*. Madrid: Editorial Tecnos, 1992.

normas estéticas. Para o autor, a correlação é certa, a morte dos referenciais abala a permanência da normatividade. Eis a constatação:

A submissão a normas, na arte de nosso tempo, oferece um triste espetáculo, todo eivado de intolerâncias, fanatismos, estereis extremismos na política de direita e de esquerda. Ou então, a passividade silenciadora. E se já não há normas, é que tudo se concentra em torno da exploração da linguagem. Digamos pois que, na atividade artística e teatral de nosso tempo, por muitos caminhos, como também no denodo interpretativo das diversas estéticas novas, passa a valer uma única norma e que é a negação de si própria – a criatividade empenhada agora na construção de um mundo outro (Bornheim, 1998, p. 190).

Hoje tais mecanismos normativos não regem imperativamente. Eles foram denunciados. Esse ato de denúncia contra a violência da normatividade gera outra posição do problema. Pode-se dizer que a normatividade perdura em nossa sociedade, mas ela não é mais uma norma tácita. Os debates em torno de estética e ética apontam uma nova atenção para as noções de responsabilidade e ação política. Tal ação passou a desentender-se com aquela moral provisória dos princípios individuais e religiosos. Evidencia-se, como sublinhou Renato Janine Ribeiro, que “a política tem a ver com a construção do tempo” (Ribeiro, 2004, p. 68). E nosso tempo deve ser discutido a partir de tais transformações, num espaço democrático.

Dentro desse universo, Bornheim (2001a) analisa a passagem de três fases nos andamentos da normatividade: primeiro, o caráter objetivo respaldado pelos universais concretos (Deus, Cristo, Deusa Justiça); segundo, uma conceituação ou formalização das normas orienta sua reestruturação, conseqüentemente acompanhada de outro tipo de vigência; terceiro, afirma-se a crítica contra a normatividade e seu caráter autoritário, provocando seu esvaziamento nas atividades contemporâneas⁷.

Para Bornheim, em Locke já se via o devir das tramitações no universo ético. Passa-se a questionar o apriorismo das ideias de Descartes e em seguida é Kant que desfere com seu imperativo categórico um golpe desestabilizador da condução de posicionamentos éticos. Não vale mais a ética objetiva, e com a formalização de seu sistema Kant permite que possamos entrar no patamar democrático das novas considerações éticas (ver Paz, 2010).

Prosseguindo na problematização da ética kantiana, Bornheim pergunta sobre a possibilidade de uma ética sem normatividade. E aqui, no que tange nossa análise, ele indica que na estética “essa questão foi respondida afirmativamente” (Bornheim, 2001a, p. 33). Nas expressões artísticas, a ideia é esvaziar a normatividade em função

⁷ Sobre a questão da normatividade, ver ainda os ensaios de Gerd Bornheim: “Reflexões sobre o meio ambiente tecnologia e política”. In *Dialética e liberdade*. Org. Ernildo Stein, Luís A. de Boni. Porto Alegre: Vozes e UFRGS, 1993 e “O sujeito e a norma”. In *Ética*. Org. Adauto Novaes. (copyright 1992) São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

do desenvolvimento da criatividade e de uma postura político-social mais ampla. “Assim, a estética integra-se ao ato criador, desfazendo-se a própria possibilidade de qualquer tipo de norma” (*idem*, p. 34). São as expressões culturais e sociais que se põem por inteiro na mesa de discussão. Tudo parece se abrir para a pesquisa, para a experimentação, para a improvisação, para o processo, enfim.

É nesse sentido que o teatro e a música permitem também um trânsito flexível na esfera do sensível, quando se leva em conta o intercurso da intencionalidade gestual e da sonoridade que, cada vez mais, assumem um papel de relevo em tudo fundamental⁸. O fato é que essa discussão acaba determinando, já em nossa época, um tipo de escuta musical ou jogo teatral que se defronta com intensas transformações.

Situada a ambiência inicial, observa-se que as interpretações de linguagens artísticas são marcantes no conjunto da obra de Bornheim. Nossa intenção é que tais articulações que aparecem na obra de Bornheim sejam cotejadas com o arquivo documental do autor, já que sua ensaística e outros posicionamentos que se confirmam em tais documentos, nos fornecem boas pistas de interpretação.

Arquivo documental: auxílio à interpretação e conexão da obra de Bornheim

O ponto de partida da pesquisa e que, neste momento merece ser ampliado, foi o tratamento da coleção de materiais disponibilizados pela família Bornheim, que trazem elementos importantes para o desvelamento da obra de Gerd Bornheim⁹ (acervo pessoal com documentação inédita do autor). Parte da metodologia foi empregada em pesquisa de doutorado e constou de organização e interpretação desses materiais – livros publicados, manuscritos, notas de trabalho, textos, periódicos, vídeos de palestras, gravações de cursos e outras fontes.

A natureza e o papel dos documentos demonstram também a trajetória do filósofo. Indicam-nos os vieses de seus posicionamentos mais atuais. O fato é que se vê claramente em tais notas a abrangência da pesquisa de Gerd Bornheim. Ao cotejar os textos, se percebe as nuances e modificações feitas pelo autor, por exemplo, numa

⁸ Sobre tal flexibilidade perceptiva, ver FOUCAULT, Michel. *Estética: literatura e pintura, música e cinema*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.

⁹ Durante o mestrado, contamos com a interlocução constante com Gerd Bornheim, assistindo a seus cursos e conferências. Atualmente, trabalhamos na organização documental do acervo do filósofo. Em 2006, com Rosa Dias e Ana Lúcia de Oliveira, organizamos um evento intitulado: “Ensaio Aberto Gerd Bornheim”, uma reflexão sobre a produção filosófica do autor. Esse projeto resultou em um livro de ensaios sob nossa organização, com o apoio da UERJ e CAPES (*Arte brasileira e filosofia*. Organizadores: Rosa Dias, Gaspar Paz e Ana Lúcia de Oliveira. Rio de Janeiro: UAPÊ, 2007).

preparação do texto para a versão editorial. Ou mesmo testemunhos e indicações preciosas de seu itinerário de formação, que aparecem em notas de trabalho e demonstram que os andamentos dos estudos de Bornheim são de extrema atualidade.

Nossa análise não se pretende exaustiva, e nossa intenção é antes desenhar um pouco as coordenadas desenvolvidas na trajetória filosófica de Bornheim. Para isso, achamos importante que venha a público, trabalho iniciado durante nossa pesquisa em documentos do filósofo, a compilação de textos esparsos, ensaios, entrevistas, documentos, datiloscritos, manuscritos e conferências que ainda estão dispersos. Esse procedimento possibilitaria ao leitor maior visibilidade do conjunto da obra deste autor tão importante para o despontar da pesquisa filosófica no Brasil. Além de dar suporte necessário para as interpretações sobre o autor.

Nessa compilação são indicadas importantes diretivas em seus estudos, porquanto pode-se desfrutar de uma nova via de acesso a suas interpretações. Utilizamos nesse caso, a estratégia de localizar núcleos temáticos de pesquisa, como: estética, ciências, política – temas que de certa forma se permeiam em seus trabalhos.

Os três núcleos indicados acima acolhem nosso tema de interesse sobre as linguagens artísticas. Exporemos aqui apenas como exemplo, alguns títulos dessas diretivas que favorecem as interseções em campos explorados por Bornheim.

É notável, por exemplo, perceber a vinculação de posicionamentos como “O pensamento marxista e a exigência de sua renovação” (1978b) com a exposição do texto “Sobre o teatro popular” (1979). Eles aparecem como peças chave no discurso do autor. Nesse viés, Bornheim vai inventariar uma estética da criatividade derivada de elementos novidadeiros. O que o autoriza dizer em artigo posterior, “A invenção do novo” (1992c), como esse adjetivo influenciou tendências marxistas nas interpretações estéticas. É por aí que ele busca novos modos de relação, arriscando e inventando sua metodologia *vis-à-vis* aos acontecimentos.

Outros temas perpassam suas interpretações, tais como: o entendimento dos pressupostos gerais da estética de Brecht, a discussão sobre o conceito de tradição ou interpretações em torno de assuntos como racionalidade e acaso, liberdade e condicionamento, sujeito e objeto, sistema e fragmento. Bornheim desenvolve ainda reflexões sobre o meio ambiente, a tecnologia e a ética, nas quais se mostram sua permanente preocupação com a ecologia, a política e as ciências de uma forma geral. Podemos flagrar ainda tais posicionamentos em suas participações em diversas discussões presentes na sociedade brasileira como “A educação pela máquina” (1999a), “A descoberta do homem e do mundo” (1998d), “Presença da razão” (1994a), “A crise da idéia de crise” (1996b) todos esses, títulos de artigos do autor.

O tema da política vai permear seus trabalhos em “A perplexidade do homem contemporâneo (1995); “Democracia e cultura” (2001); “Ética, ciência e técnica: interfaces e rumos” (2002a); “A natureza do estado moderno” (2003b) e também no ensaio “O sujeito e a norma” que relaciona essa questão com os endereços estéticos. É assim que o tema da política vai se imiscuir de forma geral no todo da obra de Bornheim.

Enfoques que tratam do pensamento filosófico aparecem articulados especialmente em “Da superação à necessidade: o desejo em Hegel e Marx” (1990); “O bom selvagem como *‘philosophe’* e a invenção do mundo sensível” (1996c). Esses ensaios podem motivar justamente nossa compreensão da estética bornheimiana. Sobre a estética, vamos flagrar ainda artigos que complementam as atividades iniciadas nos anos 1960, prolongando as discussões para outros patamares. Notamos tais ressonâncias no já referido ensaio “A invenção do novo” (1992a). E também em “O que está vivo e o que está morto na estética de Hegel” (1994b); “As dimensões da crítica” (2000b); “A comunicação como problema” (2001d). Esses textos nos impelem a pensar algumas controvérsias estéticas contemporâneas, mostrando-nos um excelente painel de referenciais críticos. Bornheim expõe aí o debate sobre a arte, explorando suas tendências e rumos. As linhas de interpretação acima figuram de forma especial em seus trabalhos e seria interessante que continuássemos a delimitação a partir do aparecimento desses contextos em suas publicações.

As referidas observações a partir do material pesquisado nos possibilitam, numa perspectiva histórica, flagrar a atenção de Bornheim em importantes estudos. Urge congregar tais articulações dos dispersos, manuscritos e datiloscritos com o todo da obra já editada. Seu papel seria ainda o de propiciar certa dinâmica que esclarece ainda mais as teses filosóficas.

Entendemos que a partir dessas inflexões, somadas ao estudo de linguagens artísticas em Bornheim, podemos melhor compreender as problematizações que enfrentam as expressões artísticas e culturais.

Justificativa

As escolhas do tema e enfoque teórico fundamentam-se na importância destes para as interpretações críticas sobre estética e ética, conduzidas por Bornheim mediante uma leitura aberta sobre as expressões artísticas e culturais.

Optamos pelo estudo dessas percepções de linguagens artísticas em Gerd Bornheim por entendermos que suas intervenções exibem peculiaridades exemplares

e emergem através de uma interessante atualidade crítica. Isso pode ser conferido pela visão acurada e penetrante com que ele enxerga temas momentosos, sem esquecer a dimensão histórica na filosofia. Por isso, pretendemos esclarecer nosso ponto de partida focalizando as transformações da pesquisa de Gerd Bornheim.

Em meio a essa prática e construção de pesquisa, notabilizam-se suas posições importantes no campo filosófico, que impulsionaram um novo viés de pesquisa no Brasil. Viés de preocupação política, que se delineou a partir da “práxis filosófica”, ou seja, o engajamento nos acontecimentos e nos processos concretos da vida cotidiana, levando em conta os sincretismos, as contradições, a eliminação das fronteiras disciplinares e as transitoriedades culturais.

Dessa forma, nossa intenção é preservar a memória e valorizar a importância e o lugar que ocupam os trabalhos de Gerd Bornheim na atualidade. De fato, Bornheim acompanha as metamorfoses em nossa época, advindas daquilo que Marc Jimenez definiu como “guinada política” e “guinada cultural” da estética (JIMENEZ, 2005). São nuances desse gênero que pretendemos identificar, congregando perspectivas teóricas com as atividades de manutenção, digitalização e pesquisa em acervo de Gerd Bornheim.

Isso nos impele a melhor visualizar esses meandros, e justifica o desenvolvimento da pesquisa na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, na Universidade do Estado de São Paulo (USP), visto que, lá contaremos com uma ambiência apropriada para a viabilização de nossas propostas. A condução da pesquisa encontra-se associada à participação da professora Doutora Olgária Matos – pesquisadora que se dedica à estética, ética, política e outros campos da filosofia, e desenvolve trabalhos sobre linguagens artísticas contemporâneas. Olgária Matos se prontificou em colaborar conosco, enquanto supervisora, indicando novos rumos e potencialidades para a pesquisa. Para esse percurso, intentamos um plano de atividades de pesquisa acolhido pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia da USP, pelo grupo de pesquisa da professora Olgária Matos, que promove intercâmbio entre pesquisadores em temáticas compatíveis com nossa linha de pesquisa em estética, ética, filosofia política, sobretudo em autores franceses¹⁰.

¹⁰ Durante esse período intentamos ainda a interlocução com as linhas de pesquisa e os projetos desenvolvidos pelo professor Dr. Renato Janine Ribeiro também na USP acerca do modo como exponenciais pesquisadores brasileiros – entre eles Gerd Bornheim, Marilena Chauí, Ernildo Stein, Coelho de Sampaio e J. A. Giannotti - discutem a política em suas interpretações; bem como, seus questionamentos em torno do que é a cultura social e política de nosso tempo, mediante o exame de suas manifestações.

Metodologia

Por ter um enfoque filosófico nossa metodologia engloba leitura de obras específicas de Bornheim e de autores¹¹ em afinidade com estas, privilegiando temas sobre as interpretações estéticas e éticas que aparecem nos seguintes trabalhos do autor: *Páginas de filosofia da arte*, *O sentido e a máscara*, *Metafísica e finitude* e *Sartre*, além dos textos e ensaios esparsos publicados sobre o assunto e a frequente interseção com os documentos do acervo de Bornheim.

Isso significa que ao conduzir nossa pesquisa da obra de Bornheim associada com tal acervo, estaremos dando continuidade às atividades de organização, digitalização e publicação já iniciadas em períodos de doutorado¹² Esse viés de pesquisa, envolve a visualização das afinidades de autores e tendências contemporâneas sobre temas das artes (particularmente do teatro e da música).

Plano de atividades

No período de fevereiro de 2011 a fevereiro de 2012, as etapas da pesquisa serão conduzidas na USP – Programa de Pós-Graduação em Filosofia, como parte de um pós-doutorado. Ao longo desse tempo, pretendemos trabalhar com um grupo de pesquisadores sob a supervisão da Professora Doutora Olgária Matos. Intentamos assim, dar suporte às interpretações de linguagens artísticas em assuntos que relacionam a filosofia e as artes contemporâneas.

Visamos também uma minuciosa pesquisa em acervos e bibliotecas. O objetivo mais amplo dessas consultas a arquivos e acervos, além de informações para a pesquisa é obter uma espécie de mapeamento bibliográfico e reflexivo sobre o nosso campo de estudos. Além disso, pretendemos frequentar os cursos e seminários orientados por pesquisadores do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da USP. Em contrapartida, intencionamos oferecer mini-cursos com temáticas relativas ao nosso enfoque e contribuir para fomentar o diálogo entre o grupo referido e outros programas de pós-graduação no Brasil e exterior¹³.

¹¹ Dos comentadores interessam-nos os de diversos campos de análise, que tratam das interpretações de Hegel, Nietzsche, Marx, Heidegger, Merleau-Ponty, Sartre, Foucault, Derrida, Jean Hyppolite, Jean Wahl, entre outros (vide bibliografia).

¹² Tal pesquisa se beneficiou do programa de apoio à pesquisa CAPES mediante bolsa de doutorado (realizado na UERJ) e bolsa de doutorado-sanduíche (Université Paris 1 – Sorbonne).

¹³ Podemos destacar as relações já estreitadas com o Programa de pós-graduação em Filosofia da UERJ e UFRJ; com os departamentos de estética e filosofia da Université Paris 1- Sorbonne; bem como dos Programas de teatro e música, respectivamente da UNIRIO e Escola de música da UFRJ.

Dentro desse período de estudos, trabalharemos as inserções críticas do filósofo Gerd Bornheim nas expressões artísticas e culturais brasileiras, abordando o legado do filósofo para a construção de um delineamento estético/crítico contemporâneo. Procuraremos evidenciar temas abordados na obra de Gerd Bornheim, ao identificar correntes de pensamento, afinidades e interlocuções que impulsionaram posições críticas do autor, enfatizando, sobretudo seu diálogo com autores franceses, como: Sartre e Merleau-Ponty.

Posteriormente, dedicaremos um período para analisar mais detalhadamente a repercussão das interpretações de Sartre e Merleau-Ponty nas ideias de Gerd Bornheim, principalmente em seus posicionamentos sobre a fenomenologia e a dialética. Assim, analisaremos dois livros de Bornheim que tratam do tema: *Sartre* (2000(a)) e *O Idiota e o Espírito Objetivo* (1980(a)), bem como “Fenomenologia e Causalidade em Merleau-Ponty”. In: *Metafísica e Finitude* (2001). Ulteriormente, aprofundando as concepções acima desenvolveremos aspectos de *L'Être et le temps*. (1976) e de *Dialética, teoria e práxis: um ensaio para uma crítica da fundamentação ontológica da dialética* (1983). Durante esse período procuraremos reservar um tempo para produção e publicação de artigos sobre o resultado da pesquisa. Por fim, dedicaremos à redação final dos resultados.

Cronograma1 (primeiros 12 meses)

Ano / Mês	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
Planejamento, contato com grupo de pesquisadores.	X	X	X						X		X	
Pesquisa em arquivos.		X	X		x	x				X		
Manutenção, digitalização e pesquisa em acervo de Gerd Bornheim		x	x	x	x		x		X	X		
Cursos e seminários		X	X	X		X		X				
Leitura do material e textos teóricos	X	X	X			X		X			X	
Organização do material de pesquisa			x		X		x	X				
Produção e publicação de artigos sobre a pesquisa, seja em congressos, como também em periódicos especializados.		X	x			x	X				X	X

Primeira sistematização dos resultados e elaboração parcial de relatório						X	X					X	X
--	--	--	--	--	--	---	---	--	--	--	--	---	---

Cronograma2 (12 meses seguintes)

Ano / Mês	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
Contato com grupo de pesquisadores.	X	X	X						X		X	
Pesquisa em arquivos.		X	X		x	x				X		
Manutenção, digitalização e pesquisa em acervo de Gerd Bornheim		x	x	x	x		x		X	X		
Cursos e seminários		X	X	X		X		X				
Leitura do material e textos teóricos	X	X	X			X		X			X	
Organização do material de pesquisa			x		X		x	X				
Produção e publicação de artigos sobre a pesquisa, seja em congressos, como também em periódicos especializados.		X	x			x	X				X	X
Sistematização dos resultados e elaboração parcial de relatório						X	X				X	X
Redação final dos resultados da pesquisa							X	X			X	X
Relatório final								X	X			X

BIBLIOGRAFIA (Específica com títulos de Gerd Bornheim)

LIVROS:

BORNHEIM, Gerd. *Heidegger. L'être et le temps*. Paris: Hatier, 1976.

_____. *Introdução ao filosofar: o pensamento filosófico em bases existenciais*. Porto Alegre: Globo, 1978a.

_____. *Dialética, teoria e práxis: um ensaio para uma crítica da fundamentação ontológica da dialética*. 2 edição Porto Alegre: Globo, 1983a.

_____. *Teatro: a cena dividida*. Porto Alegre: L&PM, 1983b.

_____. *Os filósofos pré-socráticos*. São Paulo: Cultrix, 1985a. (2 ed. 1967).

_____. *O sentido e a máscara*. São Paulo: Perspectiva, 1992a. (3 ed. 1969).

_____. *Brecht: a estética do teatro*. Rio de Janeiro: Graal, 1992b.

_____. *Páginas de filosofia da arte*. Rio de Janeiro: UAPÊ, 1998a.

_____. *O conceito de descobrimento*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1998b.

_____. *O idiota e o espírito objetivo*. Rio de Janeiro: UAPÊ, 1998c.

_____. *Sartre: metafísica e existencialismo*. 3 ed. (1 ed. 1984). São Paulo: Perspectiva, 2000a.

_____. *Metafísica e finitude*. São Paulo: Perspectiva, 2001a. (Foi publicado pela Editora Movimento, de Porto Alegre, em 1972).

ENSAIOS, TEXTOS ESPARSOS, CONFERÊNCIAS E ENTREVISTAS:

BORNHEIM, Gerd. "O pensamento marxista e a exigência de sua renovação". In *Encontros com a Civilização Brasileira*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978b.

_____. "Prolegômenos ao estudo do positivismo brasileiro: verdade e ideologia". In *Revista Filosófica Brasileira. Departamento de Filosofia UFRJ. Vol. III n. 1. Julho de 1986a*.

_____. "Racionalidade e acaso". In *Rede imaginária. Televisão e democracia*. Org. Adauto Novaes. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

_____. "A invenção do novo". In *Tempo e história*. Org. Adauto Novaes. São Paulo: Companhia das Letras, 1992c.

_____. "Reflexões sobre o meio ambiente tecnologia e política". In *Dialética e liberdade*. Org. Ernildo Stein, Luís A. de Boni. Porto Alegre: Vozes e UFRGS, 1993b.

_____. "O que está vivo e o que está morto na estética de Hegel". In *Artepensamento*. Org. Adauto Novaes. São Paulo: Companhia das Letras/ Funarte, 1994b.

_____. "A perplexidade do homem contemporâneo". In *O encontro. Um olhar sobre a cultura o cidadão e a empresa*. Rio de Janeiro: Ayuri e SENAI, 1995a.

_____. "A crise da idéia de crise". In *A crise da razão*. Org. Adauto Novaes. São Paulo: Companhia das Letras, 1996b.

_____. "O bom selvagem como *"philosophe"* e a invenção do mundo sensível". In *Libertinos e libertários*. Org. Adauto Novaes. São Paulo: Companhia das Letras, 1996c.

_____. "As dimensões da crítica". In *Rumos da crítica*. Org. Maria Helena Martins. São Paulo: SENAC e Itaú Cultural, 2000b.

_____. "Entrevista". In *Conversa com filósofos brasileiros*. Org. Marcos Nobre e José Marcio Rego. São Paulo: Ed. 34, 2000c.

_____. e "A propôs de *l'histoire d'une vie*" In *Il étais une fois ... le livre*) Paris: ONU, Unesco, 2001.

_____. "Souvenir et présence de Bachelard". *Cahiers Gaston Bachelard, n. 4. Bachelard au Brésil*, Dijon: Éditions Universitaires de Dijon, 2001b.

_____. "A comunicação como problema". In *Letras e comunicação. Uma parceria no ensino de língua portuguesa*. Org. José Carlos de Azeredo. Rio de Janeiro: Vozes, 2001d.

_____. "A revolução do ócio". In *Para entender o Brasil*. Org. Luiz Antonio Aguiar. São Paulo: Alegro, 2001e.

_____. "Democracia e cultura". In *Semear Revista da Cátedra Padre Antônio Vieira de Estudos*. Rio de Janeiro: Nau, 2001f.

_____. "Ética, ciência e técnica: interfaces e rumos". In *Fronteiras da ética*. Org. José de Ávila Aguiar Coimbra. São Paulo: SENAC de São Paulo, 2002a.

_____. "Duas palavras e uma apresentação desnecessária". In *Jean Paul Sartre. Crítica da razão dialética*. Trad. Guilherme João de Freitas Teixeira. Rio de Janeiro: DP&A, 2002b.

_____. "A natureza do estado moderno". In *A crise do estado-nação*. Org. Adauto Novaes. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003b.

_____. "O sujeito e a norma". In *Ética*. Org. Adauto Novaes. (copyright 1992) São Paulo: Companhia das Letras, 2007a.

_____. "Brecht e as quatro estéticas". In *Arte brasileira e filosofia*. Org. Rosa Dias, Gaspar Paz e Ana Lúcia de Oliveira. Rio de Janeiro: Uapê, 2007 b.

_____. "La découverte de l'homme et du monde". In *L'autre rive occident*. Org. Adauto Novaes. Paris: 2008.

SOBRE GERD BORNHEIM:

CHAUÍ, Marilena. "Ética, violência e niilismo". In *Revista de Filosofia SEAF*. Ano III n. 3. Rio de Janeiro: SEAF/UAPÊ, 2003.

DIAS, Rosa. "Homenagem ao professor Gerd Bornheim". *Arte brasileira e filosofia*. Org. Rosa Dias, Gaspar Paz e Ana Lúcia de Oliveira. Rio de Janeiro: UAPÊ, 2007.

MARTON, Scarlett. "Ideias em cena: filosofia e arte". In *Encontros Nietzsche*. Org. Vânia Dutra de Azeredo. Ijuí: Ed. Unijuí, 2003.

MÜLLER, Marcos Lutz. "Sartre e a crise do fundamento. Em homenagem a Gerd Bornheim". In *Dois pontos*. Curitiba, São Carlos. Vol. 3 n. 2, p.11-28, 2006.

PAZ, Gaspar. "Gerd Bornheim, orquestrador de ideias...". *Arte brasileira e filosofia*. Espaço Aberto Gerd Bornheim. Org. Rosa Dias, Gaspar Paz e Ana Lúcia de Oliveira. Rio de Janeiro: UAPÊ, 2007.

_____. “Interprétations des langages artistiques chez Gerd Bornheim” *Passages de Paris*. Paris: APEB-Fr, 2010.

_____. *Interpretações de linguagens artísticas em Gerd Bornheim*. Tese de doutorado em Filosofia – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Rio de Janeiro: UERJ, 2010.

RIBEIRO, Renato Janine. “Apresentação de Gerd Bornheim”. In *Rumos da crítica*. Org. Maria Helena Martins. São Paulo: SENAC e Itaú Cultural, 2000.

STEIN, Ernildo. “Bornheim, um filósofo entre filosofia e cultura”. In *Revista de Filosofia SEAF*. Ano III n. 3. Rio de Janeiro: SEAF/UAPÊ, 2003.

BIBLIOGRAFIA GERAL:

AGAMBEM, Giorgio. *Stanze. O que é o contemporâneo? E outros ensaios*. Trad. Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó, SC: Argos, 2009.

ALQUIÉ, Ferdinand. *Entretiens sur le surréalisme*. Org. Ferdinand Alquié. Paris: Mouton, 1968.

ARAÚJO, Samuel; PAZ, Gaspar; CAMBRIA, Vincenzo. *Música em debate*. Perspectivas interdisciplinares. Rio de Janeiro: Mauad X, FAPERJ, 2008.

BADIOU, Alain. *Beckett. L'incroyable désir*. Paris: Hachette Littératures (Pluriel Lettres), 1995.

BARBARAS, Renaud. “La phénoménologie de la vie et le problème de la corrélation”. In *Ontology and phenomenology*. Tokyo: keio University, 2009.

BEAUVOIR, Simone. *La cérémonie des adieux*: suivi de “Entretiens avec Jean Paul Sartre” (août-septembre 1974). Paris: Gallimard, 1981.

BOAL, Augusto. *Teatro do oprimido e outras poéticas políticas*. 9 ed. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2009.

CHATEAU, Dominique. *Cinéma et philosophie*. Paris: Nathan, 2003.

_____. *Sartre et le cinéma*. Paris: Séguier, 2005.

_____. *Philosophie d'un art moderne: le cinéma*. Paris: L'Harmattan, 2009.

CHAUÍ, Marilena. *Experiência do pensamento. Ensaios sobre a obra de Merleau-Ponty*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

_____. *Cidadania cultural. O direito a cultura*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2006.

_____. “Público, privado, despotismo”. In *Ética*. Org. Adauto Novaes. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

CORREA, Zé Celso Martinez. *Entrevistas*. Org. Karina Lopes e Sergio Cohn. Rio de Janeiro: Beco do Azogue, 2008.

DERRIDA, Jacques. *Marges de la philosophie*. Paris: Éditions de Minuit, 1972.

_____. *Sur parole. Instantanés philosophiques*. Paris: Éditions de l'Aube, 1999.

_____. *Mal de arquivo. Uma impressão Freudiana*. Trad. Claudia de Moraes Rego. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

DESCARTES, R. *Compendio de música*. Madrid: Editorial Tecnos, 1992.

FOUCAULT, Michel. *Estética: literatura e pintura, música e cinema*. Org. Manoel Barros de Motta. Trad. Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.

_____. *Entretiens*. Par Roger-Pol Droit. Paris: Édition Odile Jacob, 2004.

HEIDEGGER, Martin. *Chemins qui ne mènent nulle part*. Trad. Wolfgang Brokmeier. Paris: Gallimard, 1962.

_____. *A caminho da linguagem*. Trad. Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2003.

HYPOLITE, Jean. *Figures de la pensée philosophique II*. Paris: Presses Universitaires de France, 1971.

IONESCO, Eugène. *Rhinocéros*. Paris: Gallimard (Folio), 1959.

_____. "Lettre à Gabriel Marcel". *Théâtre Complet*. Paris: Gallimard, 1991.

JACOBBI, Ruggero. *O teatro no Brasil visto por Ruggero Jacobbi*. Org. Alessandra Vannucci. São Paulo: Perspectiva, 2005.

JIMENEZ, Marc. *La querelle de l'art contemporain*. Paris: Gallimard, 2005.

KANT, Immanuel. *Crítica da faculdade do Juízo*. Trad. Valério Rohden e Antonio Marques, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1993.

_____. *Crítica da razão prática*. Trad. Valério Rohden. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

MATOS, Olgária. "Modernidade e mídia: o crepúsculo da ética". In *Ética e cultura*. Org. Danilo Santos de Miranda. São Paulo: Perspectiva, 2004a.

_____. "A filosofia francesa no Brasil: a pragmática da leitura humanista". In Leyla Perrone-Moisés. (Org.). *Do positivismo à desconstrução: ideias francesas na América*. São Paulo: EDUSP, 2004b

_____. "*Theatrum mundi*: filosofia e canção". *Arte brasileira e filosofia*. Org. Rosa Dias, Gaspar Paz e Ana Lúcia de Oliveira. Rio de Janeiro: UAPÊ, 2007a.

_____. "Cultura capitalista e humanismo: educação, antipólis e incivilidade". *Revista USP*, v. 74, p. 28-34, 2007b.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Signos*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

_____. *A prosa do mundo*. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Cosac e Naify, 2002.

_____. *O Olho e o Espírito: seguido de A linguagem indireta e as vozes do silêncio e A Dúvida de Cézanne*. Trad. Paulo Neves e Maria Ermantina Galvão Gomes Pereira; Prefácio Claude Lefort; pós-fácio Alberto Tassinari. São Paulo: Cosac e Naify, 2004.

NETTL, Bruno. "Musique Urbaine". *Musique une encyclopédie pour le XXI siècle*. n. 3 Musiques et cultures. Org. Jean-Jacques Nattiez. Paris: Actes Sud, Cité de la Musique, 2005.

NUNES, Benedito. *Crivo de papel*. São Paulo: Ática; Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional; Mogi das Cruzes, SP: Universidade de Mogi das Cruzes, 1998.

_____. *Hermenêutica e poesia*. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

_____. "Encontro em Austin". *Arte brasileira e filosofia*. Org. Rosa Dias, Gaspar Paz e Ana Lúcia de Oliveira. Rio de Janeiro: UAPÊ, 2007.

_____. *A clave do poético*. Org. Victor Sales Pinheiro. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

PAZ, Gaspar. "Impressions musicales de Rio de Janeiro". *Incognita n. 4*. Nantes: Petite veicule, 2009a.

_____. "Música e filosofia: um diálogo possível". *Revista da SEAF, n. 7, Ano 7*. Rio de Janeiro: SEAF/ UAPÊ, 2009b.

PRADO JR, Bento. "Ética e estética. Uma versão neoliberal do juízo do gosto". In *Ética e cultura*. Org. Danilo Santos de Miranda. São Paulo: Perspectiva, 2004.

_____. *A retórica de Rousseau e outros ensaios*. Org. Franklin de Mattos. São Paulo: COSACNAIFY, 2008.

RANCIÈRE, Jacques. *Le partage du sensible. Esthétique et politique*. Paris: La Fabrique-éditions, 2000.

RIBEIRO, Renato Janine. "O entusiasmo, o teatro e a revolução". In *Tempo e história*. Org. Adauto Novaes. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

_____. "Ética, ação política e conflitos na modernidade". In *Ética e cultura*. Org. Danilo Santos de Miranda. São Paulo: Perspectiva, 2004.

_____. "O retorno do bom governo". In *Ética*. Org. Adauto Novaes. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

RICOUER, Paul. "Entre Gabriel Marcel et Jean Wahl". In *Lectures 2. La contrée des philosophes*. Paris: Éditions du Seuil, 1992.

SARTRE, Jean Paul. *Entretiens sur la politique*. Paris: Gallimard, 1949.

_____. *Situations X: politique et autobiographie*. Paris: Gallimard, 1976

_____. *Critique de la raison dialectique*. Paris: Gallimard, 1960.

_____. *Sartre no Brasil, conferência de Araraquara*. Trad. Luiz Roberto Salinas Fortes. 2 Edição bilíngue. São Paulo: UNESP, 2005.

SICARD, Michel. *Essais sur Sartre*. Paris, Ed. Galilée, 1989.

WAHL, Jean. *Tableau de la philosophie française*. Paris: Gallimard, 1962.

_____. "Le surreel". In *Entretiens sur le surréalisme*. Org. Ferdinand Alquié. Paris: Mouton, 1968.

WORMS, Frédéric. *La philosophie en France au XX Siècle*. Paris: Gallimard, 2009.